

Partido não tem pressa para fazer aliança

SÃO PAULO — A revoadada de tucanos ainda não sabe onde vai pousar no segundo turno, apesar das várias reuniões realizadas pela cúpula do PSDB nos últimos dois dias. O partido está evitando acenar para qualquer lado e poderá liberar a militância dos vários Estados para votar em qualquer um dos candidatos finais, a fim de salvar o partido de um racha.

O Presidente nacional do PSDB, o ex-Governador Franco Montoro, afirmou ontem que a tendência dominante é a de não apoiar ninguém e nem aceitar negociação de cargos com o futuro governo. O PSDB, disse Montoro, quer discutir programas.

O partido fixou um cronograma de consultas às bases antes de decidir os rumos a seguir no segundo turno — a Executiva Nacional vai se reunir terça-feira em Brasília e na quinta-feira faz nova reunião com a bancada federal — mas tudo indica que os seus dirigentes não têm pressa. Só no próximo sábado, o Diretório Nacional e os presidentes dos Diretórios Regionais devem tomar uma posição.

Na verdade, o PSDB enfrenta problemas regionais para apoiar qualquer um dos candidatos. O Governador do Ceará, Tasso Jereissati, por exemplo, não apoiaria Lula nem Brizola, porque o PT está em franca ascensão em seu Estado e Brizola foi um dos mais votados no Ceará. Tasso, argumenta os tucanos, seria engolido politicamente numa aliança acertada com a esquerda radical. O Prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, enfrenta problema idêntico: Lula venceu ali e Pimenta, candidato a Governador em 1994, tem em seus calcanhares a liderança e permanente ascensão do Deputado Virgílio Guimarães, do PT.

Em São Paulo, a situação se repete: os tucanos não apoiariam Brizola porque teriam, no próximo ano, a oposição do PDT, já que o Governador Orestes Quêrcia conta com o apoio do candidato pedetista para fazer seu sucessor. E menos ainda admitiriam apoiar Lula, candidato do partido que é o arquiadversário dos tucanos no Estado.